

## Roriz

RORIZ, orago São Miguel, era primitivamente do padroado real, passou depois a ser da apresentação dos arcebispos de Braga, mas em 1439 D. Fernando da Guerra uniu esta freguesia ao convento de Vilar de Frades, ficando desde então a ser da apresentação deste convento até 1834.

*Roriz*, segundo o P.<sup>e</sup> António Gomes Pereira, vem do genitivo *Rodorici*, do nome próprio *Rodoricus*.

Nas Inquirições de 1220 trata-se desta freguesia sob a denominação = « De Sancto Michael de Rooriz » = de Terra de Prado.

Nelas se diz: quod dominus Rex habet ibi quodam Regalengum; in hereditate de Pousada de Nuno Petri et de Gunsalvo Petri est pausa de Mayordomo, et includunt ibi ganatum, et dant inde spatulam et cabrito; quod Rex non est inde patronus; quod ista ecclesia habet ibi senarias et 1 casale, Templum 1 casale. Et Manente 16 casalia, Várzea 2 casalia, Cervaes 2 casalia, Sancta Maria de Gallecos 4 casalia et medium.

Fala-se nestas Inquirições em vários casais como Oteiro, Gonteriz, hereditate de Pousada, etc.

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *In Judicato de Prado, item, in parrochia Sancti Michaelis de Rooriz*: que

vila Oxi est presso de ganado et pousa de Mayordomo, et da spadoa et 2 cabritos.

Et dixit que ouviu dizer de Pousada que, ante que a don Godino a gaasse et Suerio Petri d'Azevedo y criassen, soya y a entrar Mayordomo; et ora non intra y.

Item, ouviu dizer que desta ecclesia faziam servizo ao Ricomem; que da quintana de Barrio da cum sua ger-maydade 1 soldo de fossadeira ai Rey.

Aparecem-nos nestas Inquirições os nomes de vários casais e prédios foreiros: vila d'Oxi, quintana d'Outeiro, Vilar, Rooriz, Pousada, Riazoo, quintana de Barrio e Crasto.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia ergue-se ao centro de um adro cercado por parede com duas entradas.

Excepto a capela-mor, que é obra mais moderna, este templo ostenta a sua silharia descoberta de qualquer reboco. Na sua fachada, terminada em ângulo, abre-se por cima de um pórtico renascença uma pequena rosácea que dá luz ao coro.

Ao lado esquerdo eleva-se encostada à fachada uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta as duas sacristias: a paroquial e a da confraria das Almas.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, e o seu altar, relativamente moderno, é em talha singela.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro São Miguel e a do Coração de Maria, ladeadas pêlos quatro Doutores da Igreja.

Tem cinco altares: dois junto ao arco cruzeiro, em bela talha antiga, estilo barroco, bem como os dois seguintes, sendo o quinto, encostado à parede do lado da epístola a meio da igreja, moderno e em talha muito simples.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito.

O *Cruzeiro Paroquial* fica ao lado direito do caminho que da estrada vai até à Igreja. É pequeno, com base sem data nem inscrição e capitel coríntio.

Há nesta freguesia mais um cruzeiro no lugar do Pateirão.

A *Residência Paroquial*, edifício de regular aparência, fica no largo em frente à igreja, e o *Cemitério Paroquial* ao lado da estrada de Barcelos à Ponte de Anhel, tendo sobre o seu portão a data 1887.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Santo António*, no lugar do Outeiro, que é pública.

A *Capela de Nossa Senhora do Carmo*, no lugar da Leiroinha, que também é pública.

A *Capela de Santa Maria Madalena*, no lugar da Granja, também pública.

A *Capela de Nossa Senhora da Esperança*, junto à casa do Barrio, separada apenas desta pelo caminho, é particular e pertence ao Snr. Arnaldo de Mendanha Arriscado.

Esta capela é muito antiga: já em 1634 foi nela instituído o vínculo do Barrio, dos Arriscados. Foi mandada reedificar em 1859 pelo último Morgado do Barrio, António de Mendanha Arriscado.

Na quase ruína em que se encontra, ostenta ainda na sua fachada a pedra de um brasão, diferente do Solar do Barrio.

Existem em Roriz as *Alminhas* do Outeiro e as de Vilar.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro das Contenças, conhecido na freguesia de Alheira, onde nasce, pelo ribeiro do Paço, afluente do Ribeiro do Tamel ou Fontelo.

Há sobre aquele ribeiro nesta freguesia os seguintes pontilhões: o da Granja, o da Veiga, o de Ana, o do Outeiro, o da Várzea e o da Mariana.

Existem as seguintes fontes públicas: a de Carreira Cova, a dos Salgueirinhos, a de Gromil, a do Outeiro, a de Bacelinhos, a da Veiga, a de Pombar, a da Cal, a do Barrio, a da Assubida, a da Igreja e a da Real, na freguesia de Roriz; a do Casco, a da Igreja Velha e a da Torre, na de Quiraz.

A freguesia de Roriz e Quiraz é servida pela estrada que parte de Barcelos, atravessa estas freguesias e vai até Ponte do Lima pela Ponte de Anhel e São Julião de Freixo.

A freguesia de Roriz confronta pelo norte com a de Alheira; pelo poente com a de S. Martinho de Alvito e a de Quiraz, sua anexa; pelo sul com a de Lijó; e nascente com a de Santa Maria de Galegos.

A sua população no século XVI era de 68 moradores; no século XVII era de 130 vizinhos; no século XVIII era de 134 fogos; no século XIX era de 876 habitantes e actualmente Roriz e Quiraz a sua população é de 1.100 habitantes, sendo 455 varões e 645 fêmeas, sabendo ler 205 homens e 121 mulheres, havendo pois 774 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Outeiro, Arrabalde, Gandra, Matos, Barrio, Estrada, Vilar, Assento, Torre, Coutada, Souto, Igreja Velha, Casco, Cruz, Pousada, Longos, Pateirão, Rebordelo, Contriz, Leiroinha, Gião, Modorro, Barreiro e Pontelhos.

As suas casas mais importantes são: a do Barrio (brasonada), a de Paus, a do Alferes, a do Ralha, a de Rebordelo, a do Calixto, a de Verdegaio, a de Zimbrello, a de Lamela, a de Gião, a de Viloge, a da Granja, a

do Caridade, a da Costa, a do Cunha, a do Beato, a da Coca, a de Pias e a do Coelho, em Roriz, e em Quiraz são: a da Felgueira, a do Capitão e a do Mirandelo.

Há duas Escolas Oficiais em Roriz, para o sexo masculino e para o sexo feminino, funcionando ambas em edifício próprio, uma no lugar do Pateirão e outra no Barrio.

Há quatro lojas de comércio e duas Caixas do Correio, Exercem-se aqui várias indústrias: marcenaria, fogueteiro, fazer carros de bois, fazer cestos, etc.

Das pessoas ilustres que conhecemos destas freguesias destacaremos:

*Fr. Domingos de Roriz*, Guardião do convento de S. Francisco de Barcelos, Ex-Leitor de Teologia e que foi um dos Examinadores da «Crónica da Província da Soledade», etc.

*Melchior Arriscado*, senhor da casa do Barrio, foi casado com D. Cristina da Gama de Prado, que em 1634 instituiu o Morgado do Barrio ou dos Arriscados nesta freguesia.

Melchior Arriscado foi sepultado na capela desta casa do Barrio e sua mulher na igreja do convento de Vilar de Frades, em sepultura com letreiro que dizia assim: «AQVI JAZ D. CHRISTINA DA GAMA DE PRADO MULHER DE MELCHIOR ARRISCADO.

*Dr. António Júlio de Miranda*, natural e falecido nesta freguesia em 1918, com 60 anos de idade, filho de Manuel José de Miranda e de D. Ana Cândida Ferreira Carmo, foi bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, Cónego da Colegiada de Guimarães, Professor do Liceu da mesma cidade, etc.

*Dr. Bonifácio Elias Barbosa Lamela*, filho do cirurgião diplomado Bento Custódio Barbosa Lamela, nascido em Roriz aos 15 de Julho de 1828, formou-se em medicina pela Escola do Porto.

Em 1857 dirigiu com louvor os serviços sanitários na luta contra o cólera mórbus em Avintes e depois, vindo para Barcelos, foi nomeado médico dum partido municipal e do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, lugares que exerceu até à sua morte, em 25 de Outubro de 1903.

No Museu Arqueológico de Barcelos existe um túmulo românico de pedra, de duas cabeceiras em forma de banco, que era desta freguesia e esteve a nascente da igreja paroquial, fora do adro, ao lado de um caminho.

Era aqui conhecido pelo nome de «O Moimento».

Quando passavam pelo caminho os préstitos fúnebres, poisavam sobre ele os caixões e rezavam um responso.

Os franceses, na sua marcha sobre Ponte do Lima em Abril de 1809, acamparam em Roriz, no lugar do Pateirão, onde hoje está o Cemitério Paroquial.

Os soldados caíram sobre a freguesia de Quiraz por aí se ter esboçado uma escaramuça à sua passagem e fizeram uma razia: cortaram centeio para os cavalos, saquearam as casas, etc.

Parte da população tinha fugido para os altos dos montes, a outra parte cavou trincheiras ao norte de Roriz, nos lugares da Modorra e Real e aí dizimou os franceses, quando continuaram a sua marcha para Ponte do Lima.

Naqueles lugares tem aparecido enterradas ossadas humanas desse tempo.

Em 1846, na guerra da Maria da Fonte, conservaram-se fiéis ao governo dois regimentos do Minho: o 8 de Braga, comandado pelo *Trinta Diabos*, e o 3 de Viana.

Este regimento veio até Barcelos para se opor à invasão dos povos circunvizinhos amotinados e aos distúrbios que estes praticavam na vila.

Roriz e todas as freguesias até Prado deram grandes contingentes de guerrilheiros para essa revolução.

Infantaria 3, partindo de Barcelos, foi esperar os guerrilheiros, encontrando apenas dois, de foice roçadeira e arma aperrada no lugar do Mosqueiro, em Lijó; o resto tinha fugido à aproximação da tropa.

O comandante do destacamento, não sei porque razão, mandou dar fogo sobre os dois guerrilheiros que eram: Domingos da Rocha e João António Barbosa, da freguesia de Quiraz. O Rocha caiu varado pelas balas e morreu sem sacramentos, como diz o seu registo de óbito, e o Barbosa. . . fugiu.

Dali marchou o destacamento por Roriz, atravessando o monte, para a freguesia de Oliveira, sem resistência, mas ao descer o monte, já em Oliveira, houve uma ligeira escaramuça, saindo dela um soldado morto e alguns feridos.

À freguesia de Roriz está anexa desde 1841 a freguesia de

## Quiraz

Quiraz, orago São Salvador, era uma vigararia da apresentação do abade de Santa Maria de Galegos. *Quiraz* vem do genitivo *Queriaci*, do nome próprio *Queriacus*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação=«De Sancto Salvatore de Quiraz», de Terra de Neiva.

Nestas Inquirições se diz: « quod habet ibi dominus Rex Regalengum. Et est ibi una eira, et quando ibi tenet panem dant inde terciam, et quando non tenet dant l gallinam». «Et quando Mayordomus collegerit panem habet come-dere cum clerico de quali vita habuerit. Et omnes vadunt ad Castellum».

«Quod Rex non est patronus».

«Quod ista ecclesia habet senarias. Balneum l quin-tana cum senariis Bracara 2 casalia Manenti 3 casalia minus quartam Hospitale l cásale Templum l casale».

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *ín Judicato de Nevia*, Item, in *patrochia SanctiSalvaloris de Quiraz*, que quando o Mayordomo coler e sacar o pam na eira desses re-gaengos que y *ha* el Rey, deve et *ha* de comer con o clérico desta ecclesia de qual vida ele teiver.

Et intra y Mayordomo del Rey a 4<sup>os</sup> caomias conoszudas. E vam a fazer o Castello.

Fala-se nestas Inquirições em Marnel, Antre os Rios, Juncai, Presa, Travessas, Cortinhal, Pedreira, Agro Covo, Bouça Má, etc.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia dizem que esteve primitivamente em sítio um pouco mais ao poente da actual, onde é a casa conhecida ainda hoje pelo nome da *casa da igreja velha*, mas há muitos anos, alguns séculos já decorridos, foi mudada para o sitio onde está.

O actual templo é um edifício pequeno e baixo, sem cornijas nem pilastras dos lados, tendo sido reformado e reconstruído há uns quinze anos.

Na sua fachada de arquitectura muito simples, terminada em ângulo e encimada por uma singela cruz, abre-se uma larga janela que dá luz ao coro.

Ao lado esquerdo da fachada e encostado a esta eleva-se um pequeno torreão para dois sinos, seguindo-se do mesmo lado, até à capela-mor, a sacristia.

Foi construído este templo no centro de um adro, vedado por parede com uma entrada fechada por cancelas de ferro.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque muito bem pintado, tendo ao centro um emblema do Sacramento.

O retábulo do seu altar é em talha antiga também muito bem pintado e dourado há poucos anos.

O corpo da igreja é forrado a estuque, liso e sem ornatos.

Os dois altares laterais são em talha antiga, muito singela.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia em granito, antiga e sem labores.

*O Cruzeiro Paroquial* fica em um largo em frente à Igreja, a meio caminho desta e da velha matriz.

Este cruzeiro, na sua simplicidade e humildade, é interessante, denotando, porém, ser muito antigo.

A cruz, de hastes redondas, eleva-se sobre um capitel liso e fuste rectangular, o qual tem já a inclinação da torre de Pisa. Se não lhe acodem, em breve desabará.

*A Residência Paroquial* ficava ao lado esquerdo deste cruzeiro, existindo dela apenas as paredes, pois está em completa ruína.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de São Martinho de Alvito; pelo poente com a do Salvador do Campo; pelo sul com a de Lijó e pelo nascente com a do Roriz, à qual está anexa.

A sua população no século XVI era de 18 moradores; no século XVII era de 42 vizinhos; no século XVIII era de 44 fogos, estando no século XIX a sua população englobada com a de Roriz.

Perto da casa do antigo capitão do *Carreto* mostraram-me umas pequenas casas arruinadas como sendo a cadeia onde aquela autoridade encerrava os presos destinados a militares, antes de existirem as actuais *inspecções*. Esta vai a título de curiosidade.

A história da freguesia de Quiraz desde 1841 em diante, data da sua anexação a Roriz, é a desta freguesia.

## A CITÂNIA DE RORIZ

Nas horas calmosas de uma tarde de verão reunimo-nos no presbitério de Roriz e, previamente confortados com um *vinhito de dizer missas*, organizamos a excursão ao monte do Facho, à Eira dos Moiros, que lá do alto nos acenava.

Rompia à frente o nosso anfitrião, seguindo-o, baloiçando nas suas altas pernadas, o grosso corpanzil do autor destas linhas, em honra de quem fora organizada a excursão, e vinha atrás a comitiva: Rogério, P.<sup>e</sup> Augusto, Fernando António, o Braga, nosso guia e cicerone arranjado *ad hoc*, e o Antas, que fechava o séquito, barafustando por não lhe ter sido distribuído um pau, um bordão, a que se julgava com direito, visto suas pernas enreumatizadas. . .

Atravessou a alegre caravana por caminhos e atalhos uma fértil campina, transpôs o ribeiro das Contenças no pontilhão da Várzea e arcou com a subida do monte, o *mons Aliaria* de D. Afonso Henriques (1), derivando sempre para o seu cabeça sul, o alto do Facho.

A procissão ia ruidosa: esfuziavam ditos e remoques para aligeirar o tempo e amenizar o caminho.

Parando por vezes a examinar uns marcos fusiformes, espetados nas bouças, coroados por uma cruz singela com quatro pontos nos intervalos das hastes, que não soubemos decifrar, chegamos ao alto da Portela de Roriz, formada pela garganta entre o alto do Facho, à direita, e o alto de Penizes ou Malvizinho, à esquerda.

(1) *Delimitações do Couto de Manhente na carta dada por D. Afonso Henriques em 1126, estando este infante no Castelo de Faria.*

Após um pequeno descanso, metemos por um caminho acima muito pedregoso, em que alguém quis ver calçada romana.

E talvez fosse: a povoação que existiu lá no alto devia ter uma via de comunicação com a antiga estrada que da Ponte de Prado seguia pela próxima freguesia de Oliveira a Balugães e a Ponte do Lima.

Bem depressa deparamos com os vestígios de uma grossa muralha de alguns metros de espessura e com pequenos intervalos outra e a seguir outra, a tríplice muralha que cercava a importante povoação romana e pré-romana que aqui existiu.

Começaram então a aparecer os alicerces de muitas casas, algumas circulares, e restos de calçadas, as estreitíssimas ruas de então.

Nos penedos espalhados por este grande recinto apareciam obras de mão humana, pias, *fossettes* e dois pelo menos mostram ainda bem visíveis regos e desenhos gravados no granito.

Encontram-se por escavações feitas pequenas cortinas de muros bem trabalhados e no pendor sul-nascente o penedo da *Pata do Cavalo*, no qual está gravada uma pequena cavidade da forma da pata daquele animal, como o povo quer ver.

Pelo chão e cobertos pela terra movediça encontram-se tijolos e restos de cerâmica.

Vê-se pela extensão ocupada que aqui existiu, em eras pré-históricas e ainda no domínio dos romanos na península, uma grande povoação, cujo nome se perdeu.

Hoje é conhecida por *citânia de Roriz*, *Eira dos Moiros* e *cidade de Çanhoane*.

Poucas escavações se têm feito no sítio onde existiu esta citânia, a não ser junto às penedias onde se vê aqui

e ali a terra removida pelos perscrutadores dos tesouros escondidos.

Todo este monte é terreno *sujo*, na linguagem dos caçadores; está coberto de extensos e bastos pinhais.

Do alto do monte do Facho, apesar do muito arvoredo, descortina-se um lindo e vastíssimo panorama.

Ao nascente vê-se a cidade de Braga até ao monte do Sameiro e Gerez e todo o vale do Cávado até Barcelos, estendendo-se a vista por ali fora sul e poente até ao mar, do qual ainda se avista uma nesga, e do sopé deste monte até ao de São Gonçalo e Penedo do Ladrão, estende-se o fértil e verdejante vale do Tamel, penteado a branco pelos seus casais.

Sentado em um penedo, admirando tão empolgante cenário, contemplei a cidade de Barcelos que daqui relativamente tão perto fica, e pensei então se a povoação, sobre cujas ruínas estava, não seria *a mater* da antiga povoação de Barcelos, antecessora da actual cidade.

Não desceriam os povos primitivos, que aqui habitaram, ao vale a fundar aquela povoação, interposto comercial com estranhos que frequentavam as margens do rio Cávado?

Deste discorrer de ideias fui interrompido pelas ordens de marcha dadas pelo nosso guia, que, vendo declinar no horizonte o Sol, comunicou-nos o receio de se fazer noite na serra.

Não voltamos pelo mesmo caminho: descemos a encosta do Facho até à Portela, ladeamos a do Panizes ou Malvizinho, onde nos informou o nosso guia que também existiam vestígios de habitações humanas muito antigas, para irmos contemplar o penedo *Redondo* e o do *Sino*, mais adiante.

Ali, um dos nossos companheiros, esticando com um pau uma pequena cavidade que existia nele, conseguiu tirar um som que parecia o de um sino . . . rachado.

Descemos à *Fonte Verde* e mais abaixo apalpamos, pois nessa ocasião já mal se via, um marco da Casa de Bragança do Duque D. Jaime.

Atravessando vários lugares e casais, regressamos à Residência Abacial, onde nos dessedentamos com um vinho branco muito apreciado às *comidas* e... às *bebidas*.

Quando entramos no automóvel era já noite fechada. Julgávamos que tínhamos alcançado o almejado descanso, mas como se engana o homem!

Enquanto rodamos pelo caminho velho até à *estrada* nova, bem foi.

Quando, porém, entramos nesta, começou o nosso tormento; saltávamos no ar até tocar com a cabeça no tejadilho e caíamos pesadamente uns sobre os outros.

Um horror! A estrada está um barrocal!

Custou-nos mais fazer o trajecto de Roriz à cidade do que subir a íngreme ladeira do monte do Facho.

Eu peço uma condenação justa, ainda que benigna, para aqueles que superintendem nas nossas estradas: era obrigá-los a percorrerem *de carro*, uma vez por semana, a estrada de Barcelos à Ponte de Anhel, ou pelo menos até Roriz.